

Esta história é trazida a você por Ririro.com/pt gratuitamente. A nossa missão é oferecer a todas as crianças do mundo acesso grátis a uma variedade de histórias. As histórias podem ser lidas, baixadas e impressas on-line e abrangem uma ampla variedade de tópicos, incluindo animais, fantasia, ciência, história, culturas diversas e muito mais.

Apoie a nossa missão compartilhando o nosso site. Desejamos-lhe muita leitura divertida!



Ririro

A IMAGINAÇÃO É MAIS IMPORTANTE QUE O CONHECIMENTO

Ririro

Ulisses e o Saco dos Ventos

O famoso Ulisses estava atravessando o mar, para sua casa na rochosa Ítaca, quando chegou à ilha de Eólia. Muitas foram suas andanças, por mar e terra, desde que ele deixou sua bela morada, e muito bem-vinda foi a visão desta praia amigável. Aqui vivia o grande Rei dos ventos - Éolo - que podia enviar zéfiros suaves murmurando sobre o mar e podia chamar de volta as tempestades selvagens quando brincavam com as ondas. Bem, Ulisses e seus companheiros puderam se alegrar em chegar à maravilhosa ilha flutuante do Rei Éolo, pois aqui eles foram gentilmente tratados, depois de suas labutas e problemas, e quando chegou a hora de eles começarem mais uma vez seu caminho, Éolo guardou em seu barco presentes e provisões de todos os tipos para sua viagem.

Um desses presentes era muito estranho em sua aparência - um grande saco protuberante, do tamanho de um boi; na verdade, era feito de pele de boi - amarrado firmemente com um cordão de prata brilhante. Este, Éolo colocou cuidadosamente no barco e, chamando Ulisses de lado, disse-lhe que neste saco ele havia amarrado os ventos tempestuosos, para que nenhuma tempestade perturbasse a calma do oceano e desviasse o pequeno barco de seu curso. Se, no entanto, Ulisses precisasse a qualquer momento de uma rajada poderosa para afastar o barco rapidamente de alguma costa

perigosa ou de algum inimigo, ele deveria abrir a bolsa com grande cuidado e deixar sair apenas o vento que desejasse. Para depois fechá-lo novamente bem rápido e amarrá-lo firmemente com o cordão de prata. Quando Éolo se despediu de Ulisses e de sua tripulação, ele enviou um suave vento oeste atrás dele, para conduzi-los com prosperidade em seu caminho.

Dia após dia eles navegaram pacificamente sobre o oceano brilhante, o suave vendaval os levando, enquanto Ulisses manejava a vela e vigiava noite e dia.

No décimo dia, Ulisses estava dormindo no barco, descansando de seus trabalhos, quando os marinheiros começaram a conversar entre si sobre o misterioso saco. "Deve estar cheio de tesouros", disseram eles, "e por que não deveríamos ter nossa parte deles?"

Falando assim tolamente, eles finalmente decidiram abrir a bolsa. Eles soltaram o cordão prateado, mas não conseguiram fazer mais nada, pois os ventos tempestuosos explodiram imediatamente e, em um piscar de olhos, transformaram as ondas calmas em espuma e desviaram o barco de seu curso. O timoneiro nada podia fazer, pois o navio já não obedecia ao leme, e até mesmo Ulisses, despertado pela comoção geral, era



impotente contra esses ventos ruidosos e sibilantes que lançavam o barquinho para lá e para cá à vontade. Por fim, Ulisses e seus homens, levados para longe de suas costas nativas, avistaram a terra novamente. Os tolos marinheiros ficaram contentes o suficiente para puxar o barco para a praia e, em segurança, mais uma vez acender o fogo e preparar uma refeição confortável.

Muitos dias e anos se passaram antes que Ulisses finalmente chegasse a sua casa. Ele teve muitas aventuras depois disso, mas quando finalmente habitou em paz e sossego, na casa da qual esteve ausente por tanto tempo, sempre gostou de contar a história do saco de ventos que lhe foi dada pelo rei Éolo, e do grande desastre causado a seus marinheiros e a si mesmo por uma tola curiosidade.